

HARLEQUIN®

Sabrina®



Michelle Smart
REGRESSO À ILHA DO AMOR

Sabrina®

REGRESSO À
ILHA DO AMOR

Michelle Smart



Editado pela Harlequin Ibérica.
Uma divisão da HarperCollins Ibérica, S.A.
Avenida de Burgos, 8B
28036 Madrid

© 2020 Michelle Smart
© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão da HarperCollins Ibérica, S.A.
Regresso à ilha do amor, n.º 1907 - novembro 2022
Título original: His Greek Wedding Night Debt
Publicado originalmente pela Harlequin Enterprises, Ltd

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização da Harlequin Books, S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas pertencentes à Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas pela Harlequin Enterprises Limited e pelas suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem da capa utilizada com a permissão da Harlequin Enterprises Limited.
Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-11-41-268-1

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Helena Armstrong verificou o seu aspeto pela última vez. O rímel e o delineador de olhos estavam intactos? Verificado.

Não manchara os dentes com batom? Verificado.

Tinha o cabelo castanho apanhado num coque e não tinha nenhuma madeixa solta? Verificado.

A saia rodada prateada e azul estava limpa e não estava amarrotada? Verificado.

A blusa preta estava limpa, não estava amarrotada e estava bem abotoada na zona do peito? Verificado.

Usava os sapatos de salto limpos, embora fosse difícil andar com eles? Verificado.

Tinha o tubo porta desenhos preparado? Verificado.

Tinha os batimentos do seu coração sob controlo? Bom, uma rapariga não podia ter tudo.

Helena estava o mais preparada possível. Chegara o momento de fazer a sua primeira proposta a um cliente. O projeto em que tanto se esforçara durante um mês estava pronto para ser mostrado ao cliente misterioso que conseguira impressionar todos.

O cliente misterioso, que até usara advogados para permanecer no anonimato e que fizera com que, na empresa, se especulasse a respeito de quem podia ser, convidara o seu estúdio, e mais outros quatro, a concorrer pela oportunidade de desenhar uma casa para ele. Ou para ela. Não seria uma casa normal, nem sequer uma mansão

normal. O arquiteto escolhido teria de viajar até uma ilha grega, cujo nome ainda não se revelara, e desenhar uma casa de mil metros quadrados ao estilo das Cíclades. Cada estúdio devia apresentar um arquiteto que falasse grego e tivesse inclinação pela arquitetura clássica europeia. Helena, cuja mãe era de origem grega e adorava a arquitetura clássica, era a pessoa ideal do seu estúdio. A forma cruel como o seu pai a obrigara a aprender grego compensava finalmente.

Helena tentara acalmar a inquietação que sentia ao pensar que teria de ir trabalhar numa ilha do país que evitara durante três anos e candidatara-se para o concurso. Não se enganara, pensando que tinha possibilidades de ganhar o posto quando era a candidata mais jovem e inexperiente, mas era uma boa forma de praticar e o vencedor ver-se-ia recompensado com um prémio único. O estúdio vencedor conseguiria uma boa quantia de dinheiro e, além disso, o arquiteto receberia um bónus ao assinar o contrato e outro no fim, algo que permitiria que Helena saldasse as suas dívidas e ficasse com algumas poupanças. A única coisa que lhe tinham pedido fora que mostrasse como transformaria uma velha escola grega em três apartamentos de férias de luxo.

Helena dirigiu-se para a sala de reuniões, acompanhada pelos murmúrios dos que lhe desejavam boa sorte. A maioria dos empregados vira como, com o tempo, deixara de ser uma licenciada de vinte e um anos e se transformara numa arquiteta de vinte e seis.

Ao entrar na sala de reuniões, Helena viu que Stanley olhava para ela e lhe piscava um olho para a encorajar. Desejava que o arquiteto que a acolhera há cinco anos se sentisse orgulhoso. Helena trabalhara para ele durante um ano assim que se licenciara e, depois, ele estivera sempre disponível quando ela precisara dele durante os seus estudos e também lhe oferecera um emprego no seu estúdio para que pudesse ter experiência profissional antes

de fazer o exame final. Fora Stanley que criara um cargo permanente para ela quando, depois de sete anos de esforço, se transformara numa verdadeira arquiteta.

Ao pé de Stanley, estavam os outros dois sócios principais, uma assistente pessoal e o cliente misterioso, que estava de costas para a porta e não fez nenhum esforço para se virar e cumprimentá-la.

Helena apressou-se a sentar-se à frente dele com um sorriso caloroso e, finalmente, viu a sua cara.

E foi nesse instante que os seus pensamentos congelaram.

O homem que estava sentado à frente dela era Theo Nikolaidis. O mesmo Theo Nikolaidis que ela abandonara há três anos, vinte e quatro horas antes de se casarem.

Theo não se incomodou em esconder o grande sorriso que se formou nos seus lábios.

Aquele momento, em que o sorriso de Helena Armstrong se apagara, era um momento para saborear, um momento que merecia um copo de vinho bom e, se fosse um homem que gostasse de canapés deliciosos, um prato cheio. No entanto, apesar de Theo ser um homem que preferia a comida substanciosa, naquele momento, também não conseguiria comer uma grande tigela do *kokkinisto* que a sua avó fazia.

Theo levantou-se e estendeu-lhe a mão.

- Bom-dia, Helena - cumprimentou, com um sorriso amplo, antes de apreciar como ela ficava corada como um tomate. - É um prazer voltar a ver-te.

Ele tinha a certeza de ter ouvido que as outras pessoas que estavam na sala tinham sustido a respiração.

Ao fim de uns instantes, ela estendeu a sua mão pequena e de pele pálida para a de Theo. Apertou-a durante uma décima de segundo e afastou-a.

- Senhor Nikolaidis - murmurou ela, sem olhar para ele, enquanto se sentava e deixava a mala no chão e o tubo dos desenhos na mesa.

- Conhecem-se? - perguntou um dos sócios, um homem suficientemente velho para ser o pai de Helena, mas que olhava para ela de uma forma que fez com que Theo desejasse magoá-lo.

No entanto, Theo aprendera a controlar-se e, em vez de se deixar levar, sorriu novamente e disse:

- A Helena e eu somos velhos amigos. Não é verdade, *agapi mou?*

O seu comentário fez com que olhasse para ele. Os seus olhos castanhos brilhavam com fúria e os seus lábios carnudos mostravam tensão. Pensava que estava zangada? Aquilo era apenas o começo.

Helena assentiu com a cabeça, abriu o tubo dos desenhos e perguntou:

- Vamos começar?

Theo estendeu as mãos.

- Sim. Mostra-me o teu desenho. Deixa-me ver se tens tanto talento como me fizeram acreditar.

Ela semicerrou os olhos e esboçou um sorriso falso, antes de dizer:

- Terás de ser o teu próprio juiz.

- Acredita em mim, *agapi mou*, aprendi à força que a reputação é tão enganosa como as aparências. - Helena era a base dessa aprendizagem forçada. Era a mulher mais bela que alguma vez vira e conhecera-a em Agon, a sua ilha natal. Fora visitar o seu bom amigo Theseus Kalliakis, o príncipe de Agon que, nesse momento, vivia no palácio. Como estava um dia muito bom e Theo era um homem que desfrutava de sentir o sol na cara, decidira dar um passeio pelos jardins do palácio e dirigir-se para a residência privada de Theseus. No jardim, vira uma jovem sentada num banco, junto da estátua da deusa Artemisa. A mulher tinha um caderno aberto no colo e um lápis na mão. Estava

inclinada para a frente e o seu cabelo castanho caía como um véu por cima do seu rosto e dos seus ombros. Ela afastara o cabelo e prendera-o atrás da orelha, deixando a descoberto um rosto que, apesar dos óculos enormes que usava, podia dizer-se que era o de uma deusa.

Ele respirara fundo e observara-a durante um bom bocado.

Questionando-se o que ela estaria a fazer, parara atrás dela para olhar por cima do seu ombro. Numa folha de papel, desenhara o palácio. Era um desenho muito bonito e, para o fazer, só usara um lápis. Até conseguira fazer com que parecesse que saía luz de algumas das janelas.

Não era estranho que tivesse ficado encantado. Uma mulher bela, talentosa e inteligente? Imediatamente, pusera-a num pedestal e venerara-a como os seus patrícios tinham venerado Artemisa há milhares de anos.

Era uma pena que tivesse esquecido que os escrúpulos e a honra também eram coisas desejáveis na altura de escolher uma mulher que se tornaria a sua esposa. Devia ter visto como um sinal de aviso a estátua que presenciara o seu primeiro encontro, Artemisa, uma das deusas mais veneradas da antiguidade e que, segundo a lenda, prometera que nunca se casaria.

Ao contrário de Artemisa, Helena não mencionara que sentia aversão pelo casamento até ao dia antes de pronunciarem os seus votos na catedral de Agon. Como parvo que era, Theo não acreditara, apesar de ela ter gritado com raiva. É claro que ela apareceria na catedral!

Muito tempo depois, quando Theo recordava o momento em que Helena lhe devastara o ego, acabava por pensar que devia agradecer-lhe. Poderia ter passado os últimos três anos a viver uma vida aborrecida e estável em vez de retomar o estilo de vida farrista que decidira abandonar para estar com ela. A verdade era que o facto de Helena o ter abandonado o libertara e ele desfrutara de cada minuto da sua liberdade, mas só até certo ponto.

Três anos depois da sua humilhação pública, ainda não fora para a cama com outra mulher. Apesar de ter tentando, a sua libido voraz entrara em hibernação. Ele, o homem que podia escolher qualquer mulher que desejasse, perdera todo o interesse no sexo oposto. Continuava a sair com mulheres, a usar qualquer desculpa para demonstrar a Helena o que estava a perder, mas ir para a cama com elas era impossível.

O que começara com um incómodo menor, transformara-se num problema sério. Theo não queria ter outra relação. As relações eram para parvos ingénuos. Nelas, estavam envolvidas as emoções e a confiança, algo que nunca mais se permitiria experimentar, mas só tinha trinta e três anos e era demasiado jovem para pensar na vida celibatária de um monge.

No entanto, há seis meses, Theo vira um artigo numa revista de arquitetura em que se anunciava que o estúdio Staffords oferecera um contrato permanente à arquiteta Helena Armstrong. Juntamente com o artigo, aparecia uma fotografia dela. Na manhã seguinte, acordara com a primeira ereção que tivera desde que ela o deixara. O sentimento de alívio que experimentara por ter recuperado a sua virilidade durara muito pouco. Nessa mesma noite, durante a festa que um amigo dele celebrara num iate onde havia várias mulheres solteiras, a sua virilidade recusara-se a aparecer. Pelo menos, até ficar a sós na sua cama e fechar os olhos para recordar Helena nua. Então, o seu membro despertara como o boneco de uma caixa surpresa.

E assim, sem mais nem menos, ficara claro qual era o motivo da sua impotência e o que devia fazer para a resolver. Por muito que tivesse tentado esquecê-la, Helena estava tão enraizada na sua mente que afetara as funções da sua virilidade. Precisava de a esquecer e, para isso, devia fazer com que fizesse parte da sua vida. Dessa vez, iria para a cama com ela, tal como devia ter feito há três

anos. Faria com que se apaixonasse por ele outra vez. E, depois, seria ele a abandoná-la e a humilhá-la.

Então, finalmente, poderia esquecê-la e seguir em frente com a sua vida.

Helena nunca descobriria como conseguira sobreviver à hora seguinte. Mais tarde, nessa noite, a caminho de casa no metro, recostou-se no banco e fechou os olhos.

Sonhara?

Theodoros Nikolaidis era realmente o cliente misterioso que os mantivera em suspense durante os dois últimos meses?

De algum modo, conseguira manter a compostura e defender o seu projeto. Sabia que cada palavra pronunciada era em vão, mas o orgulho não lhe permitiria fazer nada senão dar o melhor de si própria. Quando Theo escolhesse outro arquiteto de um estúdio diferente, pelo menos, os seus colegas não poderiam dizer-lhe que a sua falta de profissionalismo os dececionara.

E Theo nunca descobriria que, por baixo da sua aparência profissional, batia um coração ferido.

Quando acabara a apresentação, ele observara-a, muito sério. Não fizera uma única pergunta. Simplesmente, olhara para o relógio, levantara-se, agradecera a todos pelos seus esforços, piscara um olho a Helena e saíra da sala sem olhar para trás, deixando cinco pessoas boquiabertas pelo caminho.

Não fora necessário que Helena, os associados ou o resto dos empregados dissesse alguma coisa, já que o ambiente da sala falava por si só. Todo o esforço que Helena concentrara no projeto, toda a ajuda e apoio que os seus colegas lhe tinham oferecido... Nada serviria.

Helena respirara fundo, sem se importar com o ambiente carregado da sala.

Ver Theo depois de todo esse tempo...

«Não penses nele.»

Não pôde evitar que a sua memória começasse a evocar lembranças e, de repente, deu por si a pensar naquela época em que o seu coração ainda estava intacto e o seu corpo era como uma flor pronta para se abrir para o sol.

O sol aparecera na forma do homem mais sensual que alguma vez vira.

Naquele dia, fora ao palácio por capricho. Decidira ir visitar a família da sua mãe em Agon, para fazer uma pausa depois do primeiro ano de mestrado. O sol brilhava sempre em Agon e a vida lá parecia oferecer sempre mais liberdade. Simples. Até o seu pai relaxava o suficiente para não fazer uma crítica a cada cinco minutos quando estava lá.

No terceiro dia, acordara cedo e decidira visitar o palácio que adorara quando era criança.

Levando apenas o seu caderno de desenho, os seus lápis, uma garrafa de água e um piquenique, sentara-se num banco e desenhara o seu edifício favorito no mundo.

Depois de cinco horas de concentração e a tentar ignorar os turistas que passavam junto dela, de repente, apercebera-se de que alguém a observava. Helena levantara o olhar ao mesmo tempo que alguém falava atrás dela.

- Tem muito talento, menina. Diga-me um preço.

Virara-se e encontrara-se cara a cara com um homem que fizera com que o seu coração acelerasse. Era alto e musculado, com o cabelo curto e despenteado castanho e com as pontas mais claras por causa do sol. Tinha a pele bronzeada, o que sugeria que desfrutava de passar tempo ao ar livre.

E, quando vira os seus olhos azuis e alegres, o coração dela acelerara ainda mais.

Três anos depois, experimentara exatamente o mesmo ao vê-lo.

Três anos depois, Helena continuava a pagar o preço daquela visita espontânea ao palácio.

Chegou à sua estação. Agarrou na mala e saiu do metro pelas escadas rolantes. Anoi-te-cera e estava a chover. É claro, a primeira coisa que fez foi pisar uma poça e encharcar os sapatos de lona que calçara depois da apresentação desastrosa.

Maravilhoso. A única coisa que lhe faltava para completar o dia era ser atropelada por um autocarro.

Quando chegou ao seu apartamento, estava encharcada até aos ossos.

A casa estava gelada e, tiritando, repreendeu-se em silêncio por pensar que maio começaria com um sol radiante.

Ligou o aquecimento, tirou a roupa encharcada e vestiu um robe. Estava a encher a banheira quando tocaram à campainha.

Helena suspirou, tirou os óculos e cobriu o rosto com as mãos. Consumira toda a sua energia.

Quando a campainha voltou a tocar, fechou a torneira da água e pôs os óculos outra vez. Nos três anos que passara a arrendar aquele apartamento em Londres, só tivera uma visita inesperada: um distribuidor que lhe pedira que aceitasse uma encomenda para o casal que vivia no andar de cima.

Helena dirigiu-se para a porta e olhou pela mira. Imediatamente, chegou-se para trás, assustada.

Como raios a encontrara?

A campainha tocou novamente.

A menos que Theo tivesse visão raio-X, não podia saber que ela estava em casa. Decidiu que voltaria a meter-se na casa de banho.

A campainha começou a tocar de forma contínua, como se um homem impaciente tivesse decidido carregar no botão até incomodar todos os residentes do edifício.

Egoísta, exasperante, inoportuno... Helena não conseguia pensar em nenhum adjetivo positivo.

O espanto que a embargara desde que encontrara Theo na sala de reuniões deu lugar a uma energia furiosa que fez com que se dirigisse para a porta, tirasse as três correntes de segurança e corresse o ferrolho para abrir a porta.

Ele estava ali, com uma camisa e umas calças pretas, à chuva e com o casaco a abrir-se por causa do vento. No rosto, tinha um sorriso amplo que ela poderia ter confundido com um sorriso de êxtase, se não fosse porque vira o brilho do perigo nos seus olhos azuis.

Levantando as palmas das mãos, Theo inclinou a cabeça e exclamou:

- Surpresa!